

N.º 10. — 2.º ANNO.

20 DE MAIO DE 1885.

A ILLUSTRAÇÃO

NUMERO ESPECIAL DO SALON DE PARIS



PREÇO D'ESTE NÚMERO
Avulso. . . . 1000 RE

O SALON DE PARIS

Na sua ultima critica da exposição de Bellas-Artes que se realiza todos os annos em maio, no Palacio d'Industria, Albert Wolff, o illustre chronicista do *Figaro*, escrevia o seguinte :

Plus nous allons, plus le Salon ne devient pas seulement un événement parisien, mais un grand incident dans la vie française.

Out, as grandes manifestações da vida francesa, especialmente as da vida artística e da vida literaria, conseguem para o nosso público um verdadeiro acontecimento. Os nossos pintores são pintores educados na corrente francesa; todos os homens de letras que trabalham em artistas a linguas portuguesa, são franceses; e se o não são todos, é pelo menos a grande maioria. E o que ainda há dias Eça de Queiroz explicava na minha presença a Emilie Zola, quanto o romancista do *Genital* interrogava o romancista do *Padre Amaro*, acerca do estado actual da nossa literatura [1]. E é por isso que a Exposição achou do seu dever publicar um numero exclusivamente consagrado ao *Salon* de 1885. As dificuldades que se tiveram de vencer para oferecer este numero aos nossos assignantes foram enormes. Mas se o público estiver de nosso lado, este numero servirá apenas para lhe dar uma vaga ideia do queencionamos fazer nos annos futuros, graças aos progressos da typographia e aos ultimos melhoramentos da photogravura.

E fallemos do *Salon* :



JEAN-PAUL LAURENS. — FAUSTO

Bellas-Artes, idolo que levam a bom porto. Mas apesar dos estatutos da Academia prescreverem uma exposição annual dos pintores academicos — os pintores ricam-se das boas intenções da cardinal, e os annos correram sem o público ter occasião de admirar quadros. Nisto a que podemos chamar o destino do pintor interveio duas vezes Luiz XIV, em 1663 e em 1666. Apesar de insistência do monarca nem por isso as exposições seguiram vida prospera. A corte comprava todos os quadros e isto era o essencial. E os pintores, num acesso de supremo desdém aristocratico, nemhum caso faziam da rale popular...»

A primeira exposição a serio, a valer, aquela que merece verdadeiramente o nome de exposição, foi a que se realizou em 1667. Todos os pintores da Academia mandaram os quadros que tinham feito nos ultimos dois annos. A exposição organizouse ao ar livre, nas galerias do Palais-Royal. O sucesso foi grande. D'ahi por diante, os pintores da corte começaram a perceber que nem só os aristocratas se interessavam pelas coisas d'arte, que o público também sabia applaudir, e applaudir com entusiasmo o pedaço de pano onde uma aglomeração harmoniosa de personagens revela um talento e uma alma... As exposições passaram a ser biennais. Até 1671 não houve catalogo. Mas em 1673 apareceu o primeiro, feito sob a direcção de Perrault.

E necessário, porém, insistir um pouco na exposição que se realizou em 1669, por ter sido a mais brillante. Mazarin tinha dirigido uma petição ao rei, pedindo-lhe para proteger a Academia e os pintores, e patrocinar as exposições. O rei pôs imediatamente à disposição da Academia de Bellas-Artes a grande galeria do seu palacio do Louvre. Mandou pôr à disposição dos pintores todas as ricas tapeçarias do palacio, para elles decorarem o espaço onde foram instalados os quadros. E Luiz XIV honrou com a sua presença a exposição, que ficou tão celebre como algumas que se fizeram sob os auspícios de Napoleão I e de Napoleão III.

Apesar do grande successo de 1669, o entusiasmo dos pintores foi esmorecendo pouco a pouco; houve mesmo um período de vinte e um annos sem sombra de exposição! Em 1725 realizou-se uma no salão quadrado do Louvre (*salon carré*). Ali se fizeram outras exposições até 1848. E é d'este nome — *salon carré* — que vem o nome do *Salon* pelo qual se conhecem as exposições anuais de pintura que se realizam em Paris.

De todo este periodo que vai de 1725 a 1848 o *Salon* que os historiadores apontam como mais notável para a arte francesa, é o de 1737. E os historiadores tem razão. Na exposição de 1737 figuraram não só todos os artistas celebrados do reinado de Luiz XIV, mas também os que mais tarde fizeram brilhar o reinado de Luiz XV e de Luiz XVI. Indiquemos ao acaso alguns nomes dos pintores que fizeram sucesso nesse anno — Lancret, conhecido pelo nome de «rival de Watteau»; Charles Parrot, o famoso pintor das batallas de Luiz XV; e entre os jovens distinguiram-se estes senhores que se chamam simplesmente Chardin, Boucher, ou La Tour.

Grouze faz a sua apparição no *Salon* de 1769; e depois de Grouze começam a aparecer Joseph Vernet, Doyen, Fragonard, Casanova, Bouchardon, Pajou, Caillier, etc.

O que me parece hoje interessante é dar aos meus leitores uma rápida ideia histórica do que seja o *Salon*, porque os documentos não abundam, e os que existem não são do domínio público. O *Salon* já não interessa sómente Paris; interessa todos os países onde a arte é alguma cousa, e esse alguma cousa começa a tomar vulto tanto em Portugal como no Brasil. No Rio de Janeiro já se fazem exposições de quadros como em Lisboa, o que prova a existencia de pintores, como muito bem diria o sr. Calimo, da existencia d'un publico d'élite — o que constitue um facto que se deve registrar com regozijo. Os criticos nascem, e já os vemos nas revistas e nas folhas diarias quebrando penas por pintagens e maratinhas. E d'aqui a pouco os artistas fluminenses também hão de ter o seu café, pintado e decorado por elles, como este Leão d'ouro que se acaba de abrir em Lisboa, e onde ha uma tela de Columbano que, na opinião de Eça de Queiroz, é o trabalho mais notável do moço pintor. — Tratemos portanto das origens do *Salon*.

Em 1648, Mazarin, seguindo as tradições do cardenal Richelieu que fundira a Academia francesa, pensou em fundar uma Academia de

(*) Foi em Paris que Eça de Queiroz teve conhecimento da ultima chronica da Ilustração. E como eu lhe disseste o quanto Zola desejava conhecê-lo, fomos visitar o Ilustre romancista na manhã de 3 de maio. A entrevista foi imensamente curiosa, e será o assunto da minha proxima chronica. □

Km 10,10 este período as exposições deixam de ser aglomerados amáteus de quadros, para se transformar, pouco a pouco, em acontecimentos artísticos, onde não faltam nem lucros, nem preleves, e, com isso, que começam a causar um certo ruido. Vai desaparecendo o círculo dos artistas almeidenses em pleno, e vem Muriel a imbuir dos artistas independentes. Sente-se que está próximo o **secular**. Nas linhas do século XVIII surge David, revolucionando toda a arte com sua paixão pelo *antigo*. E é um dos grandes escândalos que produz, é quando protesta contra o sistema do *Salon*, apesar de organizado por acadêmicos; e só a sua influência vemos em 1791 a Assembleia legislativa decide proíbir o *Salon* devenindo não só as obras dos acadêmicos, mas também as obras dos artistas extrangeiros à Academia, que queriam expor no *Salon* da Louvre. Aqui team os leitores, em assuntos d'arte, o acirram revolucionários e mais democrático praticando nos fins do século XVIII.

listra decisau da Assembleia; o golpe mortal aplicado aos Sabios da Academia, vindio inaugurar uma nova epocha artistica. Este Salom livre que se realizou em setembro de trinta, onde apareceu pela primeira vez Prud'hon, foi um enorme triunfismo para David. Depois vemos-o declinar pouco a pouco com a decadencia da Revolução, e a pintura ir seguindo as mesmas phases: incertus e a tormentados da política...

Em 1808 o Salão de novo se levantou e de novo brilhou. Formava-se um júri de censura formado dos membros das quatro classes do Instituto. O Salão de 8 é um dos mais belos de todo o primeiro império. Vemem os quadros de David, de Girodet, de Gerard, de Gessner, de Gérini, de Gros, de Prud'hom, de Copley, Vernet, de Guillotin e de muitos outros, não menos celebres. Todos tem ouvido falar do quanto Napoleão gostava das secessões espectaculosas... Pois é neste anno que Napoleão inaugura com uma pompa extraordinária a solemnidade da distribuição de prémios aos artistas que mais se distinguiram. Existe mesmo um quadro de Gros onde se vê Napoleão I num salão do Louvre, rodeado de toda a corte, dando a Daviell a cruz de oficial da Legião d'Honra. Em 1824 o bom rei Carlis X tratava de macaquear Napoleão, organizando também a seu solemnidadesíssima para distribuir recompensas. Simplesmente no acto ferviam as injustiças, não sei se por talvez do monarca. Felizmente que não encontrou pintor para lhe immortalizar a secessão... cometeu

Chegamos à famosa época em que a revolução derruba a monarquia legítima.

De 1830 a 1848 os Salões são o grande expressão do romanticismo triunfante, surgindo as famosas telas assinadas por Delacroix, Ingres, Delaroche, Ary Scheffer, Couture, Rousseau, Diaz, Corot, Daubigny. Mas éis que rebenta a revolução de fevereiro de 48. Os artistas novos protestam contra o júri, e Ledru-Rollin, membro do governo provisório, proclama livre o Salão daquele ano, instituindo *comitê* como comissão de quarenta artistas encarregados de classificarem as obras expostas.

A esta imensa libertade sucedeu uma enorme reacção, e logo no anno seguinte, em 1849, o jury é de novo estabelecido, e d'esta vez mais feroz que os antecedentes. O *Salon* de 1848 foi o ultimo que se realizou no Louvre. Em 49 passou para as Tulherias que estavam desabitadas. Mas volta o império; Napoleão III entra para as Tulherias e o *Salon* tem de lhe ceder o lugar, indo alojá-lo no Palácio do Pincel.

Em 1855 confunse-se com a seccão de bellas-arts da exposição universal; e ficou permanecendo n'um palácio provisório que n'aquelle anno se tinha construído nos Campos-Elvses.

Em 1863 o jury tem a habilidade de provocar tais protestos, de praticar tanto escândalo e tanta injustiça, que Napoleão III chega ao extremo de ir de encontro à corrente oficial, e ordenar uma exposição das obras recusadas. Entre os artistas que tinham sido recusados por esse famoso jury, aparecem os nomes de Félix-Latour, do grande impressionista Maeter, de Hippolyte, de Volon, o celebre pintor de « natureza morta », e de muitos outros não menos distinguidos. Em 1864 o Salon passa a ser definitivamente anual; e anualmente o jury tem a particular habilidade de levantar protestos de todos os lados. E como as questões se successivam todos os anos entre jury e expositores, e como o Estado não quisesse continuar a ser o responsável moral de tanta injustiça, ou pelo menos o alvo para onde apontavam todos os artistas e todos os críticos mais ferózes e mais temidos — em 1880 o Salon passou das mãos do Estado para a Sociedade dos Artistas, existindo hoje a eleição pura e simples na formação do jury, o que nos poupa a assistirmos em menor quantidade a esta terrível alternância de facecias com que todos os anos era mimoseado o jury oficial.

A terceira República, sob o governo do sr. Gervy, veio pôr em ordem as velhas irregularidades e destruir os velhos privilégios. O Estado nada tem que ver com a obra do artista, que passou a ser um sujeito independente. O Salão é propriedade exclusiva dos artistas, e não da França.

En la CTI se han implementado en las secciones de trabajo para la ejecución de los procedimientos de control y de seguimiento de los procesos de trabajo.

Actualmente esse Salón — que para os franceses é o mais belo que a França possue e o que mais alto de espírito artístico, abrindo ao mundo as suas classes de todos os países. Tem sido, na sua história, sempre muito diferente os trabalhos detidos pelo Salón, reputando forte nos seus países, e em todos os países o mesmo esforço artístico para produzirem uma obra d'arte, e a escola francesa, com a mesma santidad subtil de execução, é ideal esthetic.

Não ha hoje nenhum artista menor, sobre a Europa, que lhe faia alguma causa e que procure ser do seu tempo — que não tenha sido mais ou menos influenciado por este estudo superior. Impressionistas, obreiros clássicos, dos românticos, do realista e dos impressionistas. Ainda ha poucos artistas se vêem David e Delacroix reinando em todos os academias do mundo. Hoje os modernos se vêem Millet procurando seguir esse trôlho indegno e mal determinado que Vérité de Manet foi abrindo na Arte procurando avançar por entre abundantes irregularidades que nos legou o seu talento tão caprichoso. Um novo horizonte para a pintura. E se me deixou arrastar pela tentação ir resistir das citações, perguntarei aos pintores históricos qual delles não tem sido vivamente impressionado por uma tela de João-Baptista Laurens? Aos animalistas, qual delles não tem procurado educar os quadros de Troyon? Aos pintores de retratos onde encontram modelos mais bellos no gênero, como os retratos de Duran, de Cabanel, de Bouguereau, de Meissonier, de Baudien-Uppen. Aos grandes decoradores que seriam d'elles sem aprenderem a desenhar e a colorir como Cabanel, Bouguereau, Baudry ou Clairin; sem terem passado um instante diante desses imponentes poemas de gênio e simplicidade amiga que trazem a assinatura de Paulin de Chavanne? Aos paisagistas que podem elles fazer sem terem primeiro estudo de Corot, Courbet, Mille, Assentier-Leroyer ou Cazin, se acham de fato?

He ainda por esse mundo muito artista e muito critico que odia a arte francesa, que odia o Paris-artística. Estes odios são quasi sempre, ou resultado d'uma crassa ignorância, ou dumas admiração exclusivista que nosso avô nos legaram pela escola italiana ou pela escola hispano-italia e Hespanha gozaram do seu período de floramento; hoje só vivem das tradições, e a sua produção artística vem quasi sempre cheia de rememorações, trazendo a obra d'arte, não o sabor de novidade imprevisível que um meio criador produz — mas a vagar recordação dum passado que já não satisfaz plenamente ao nosso espírito moderno.

Se obtammos por um instante para a carta da Europa, em que estando

A Inglaterra preocupando-se apenas com as suas questões comerciais, e trazendo sempre o espírito público em sobreavos com os acontecimentos terrenais e as complicações fúnebres de todas as aventuras de

A Alemanha, armada até aos dentes, obscurada pela sua constante preocupação militar, casernas e mais casernas, exercícios e mais exercícios.

Os países latinos, os países artistas por excelência, lutando com uma política pacífica como a Hespanha, extinguindo-se em aventuras coloniais como a Itália.

E só em França encontramos uma multidão inteligente desprendida

a política, isto é, adianto a política aventuraria; depois do desastre a que a arreou Napoleão III, reabilitar-se perante o mundo civilizado com a sua exposição de '78; e ainda ha pouco tempo derubar impacavelmente este ministerio Ferry que procurava aventureiros militares no Tonkin — e trez dias depois recomençar com o mesmo ardor a sua existencia intellectual.

E sobre a carni da Europa! no momento presente do nosso século, o unico paiz onde as Artes, as Lettras e as Sciencias plamam acima de tudo e qualquer eventualidade politica, vivem a vida livre, prospera e gloriosa.

Uma eleição ou uma modificação ministerial podem encontrar um certo eco na sala da Bolsa. Mas o que produz ruíno em todo o mundo, o que obriga a faltar todos quanto tem um razoável educacão mental, é mais um livro de Victor Hugo, da Renon ou de Zola; é mais um novo Salom que se aboto e um novo pintor que surge; é mais uma nova descoberta feita por Pasteur no isolamento do seu laboratorio.

E o que é que nos chama a atençao do lado dilatado? O desastre do Sudan; a situacão na India e no Afghanistan; se o príncipe de Galles foi ou não foi assassinado na sua viagem eleito ou Irlanda.

E de lado da Alemanha? A conferencia de Berlim; os amores com a Inglaterra; se Bismarck tem ou não tem do seu lado o Parlamento; se a international é ou não é um perigo; se o imperador corre ou não corre risco...

Evidentemente que nestes e n'outros países ha tantissim gravatas e valiosos producções da intelligencia; mas o que se nota é que o livro, o quadro, a estatuja, o producção literario, scientifico e artistico não está acima de politica, não vive n'uma regiao superior, visível a todos os olhos, como sucede em França.

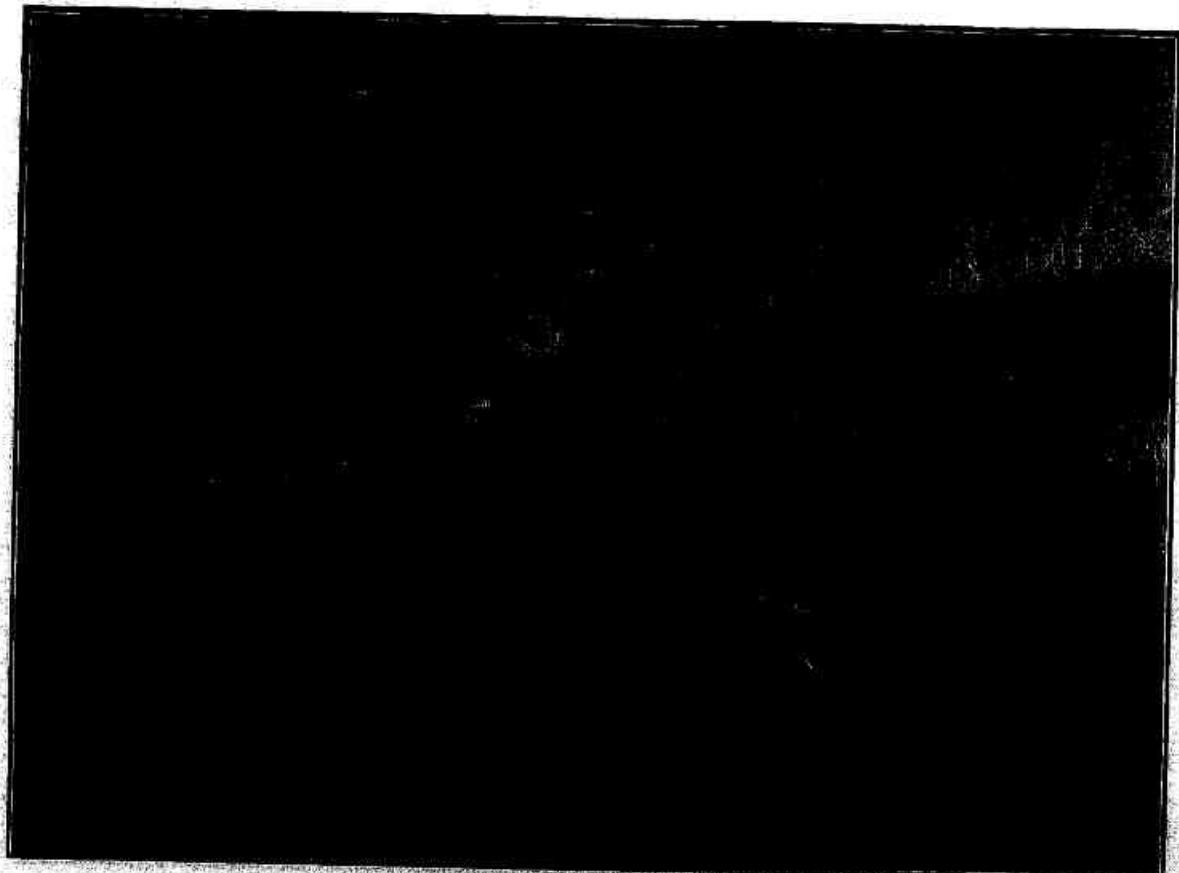
Ballerilles detalhadamente de cada uma das obras notáveis expostas no Salón de 85, seria inconveniente fastidioso desde o momento que os meus leitores não tem diante dos olhos a reproduçao de cada um dos quadros; e que eu tenho de afluir. Este numero da Ilustração será apenas para dar uma ideia pitoresca d'algumas telas expostas. É uma rapida impressão parcial, brevemente com os elementos de que já hoje dispõe a photogravatura, que de anno para anno melhora d'um modo prodigioso. Cada uma das nossas reproduções é uma clara photografia que entra na máquina, que se impõe ao mesmo tempo ao lado do tipo, que resiste a umas tiragens de 50,000 exemplares.

Se hoje não damos maior numero de quadros é pela simples razão de que os seus autoress os não tinham ainda concluidos na antevespera da entrega oficial, senão portanto impossivel obter-se a prova photographica. Mas em numeros seguentes iremos dando as obras que maior sucesso forem adquirindo, e mesmo repensaremos em grande formato de gravura em madeira assinalado pelo meu illustre collaborador Ch. Halife, algumas das que hoje damos, e que são dignas de ocupar maior espaço nas paginas da Ilustração.

Este numero é apenas um ensaio. Mas para os annos seguintes haveremos de duplicar o numero das paginas; e a Ilustração terá a honra de oferecer a todos os seus assinantes um curioso album de cada Salón de Paris, para que possam avaliar que vasto lugaz a Arte aqui occupa; como elle pode ser a supremo glorio dum povo; e como não ha outra terra como Paris para saber ensinar ao mundo quanto respeito e quanto admiraçao se deve ter por toda a obra do espírito que revela o sagrado esforço d'uma intelligencia para atingir um ideal superior e justo — que reflecte a alma do artista em todo a sua imensidão e em todo a sua pureza!...

Mariano Pina.

H. GERVEX



OS MEMBROS DO JURY DE PINTURA



COURBET



Gauguin



WHISTLER



SISLEY



PISSEAU



SEURAT



CÉZANNE



DEGAS



COROT



MOREAU



LAUTREC



RENOIR



MOROT (AIME)



PUVIS DE CHAVANNES



PECHER



RANSON

ARTISTAS CELEBRES

(RETRATOS À PENNA)

BONNAT

Membro do Instituto de França. Reputação artística como um dos primeiros pintores de retratos da Europa. São celebres os seus quadros representando Thiers, Lesseps, Victor Hugo e Grévy. A ILLUSTRAÇÃO publicou o magnífico retrato de Victor Hugo, feito por Bonnat, no n.º 14 do 1.º anno.

BOUGUERAU

Membro do Instituto. Celebre pelas suas pinturas religiosas e mythologicas. Grande scienzia de desenho, extraordinaria moralidade e circunspeção de colorido, mas verdadeiramente notável nas suas composições. Velho classico, extremamente sympathico à Academia. Poucas sympathias entre a geração nova. Telas perfeitas, mas onde falta o talento creador — dízem os criticos modernos. Em todo o caso, celebriidade oficial...

BOULANGER

Idem, idem, idem... Tem um atelier celebre de sociiedade com Lefèvre, na passagem dos Panoramas, em Paris. Aqui tem estudado muitos dos novos artistas, que tem por elle muito mais sympathy que por Bouguerau. Um dos seus discípulos é Rochegrosse, um dos talentos mais vigorosos da moderna geração. Tem alguns retratos magníficos; uma tela soberba inspirada de Shakespeare; simplesmente o quadro exposto este anno — Cornelia, mãe dos Grachos — não é das mais felizes, por certos defeitos de composição...

JULES BRETON

Celebre pelas suas paisagens e pelas suas figuras de camponezes. Nas suas telas onde ha sempre de preferencia o amanhecer ou o pôr do sol, ha um grande cunho pessoal e um grande sentimento de poesia rustica.

CABANEL

Um classicismo intrângente; desdenhoso por tudo quanto é inovação ou revolução artística; professor da Academia, imensamente estimado de todos os seus discípulos, aos quais nunca contraria tendências novas. A sua coleção de retratos é notabilíssima. De todos os pintores oficiais é sem contestação o mais importante e de maior valor.

BENJAMIM CONSTANT

Orientalista. Os seus quadros são imensamente pittorescos, vivos de cor e de sol. Em todos elles muitos maurus, muitas odaliscas, muitas Almés, muitos serrinhos. O seu atelier é um dos mais ricos de Paris.

DUEZ

Pintor moderno, limitando-se ultimamente a fazer marinhas. Ocupa um lugar brilhante entre os aquarellistas modernos. A ILLUSTRAÇÃO já publicou um seu delicioso croquis de praias no n.º 8 do 1.º anno; e também um seu delicado quadro Fim d'estação, no n.º 13. Ultimamente expon na galeria Petit alguns pastéis, que tiveram um certo sucesso ao lado das obras de Nittis.

CAROLUS DURAN

Antes de pegar no pincel asseveraram os seus fetiches que elle invoca o espírito de Velasquez. Mas a avaliar pelos seus retratos, onde ha apenas curiosos estudos de roupas, podemos concluir que Velasquez não está disposto a ouvir-lhe as preces... Em todo o caso adquiriu celebriidade, e uma das obras verdadeiramente superiores que tem produzido é um esplêndido retrato da filha da sra. duquesa de Pabellon, feito por Duran quando foi chamado a Lisboa para pintar o retrato de S. M. a sra. D. Maria Pia. Se é celebre pelo pincel, também não é menos celebre pelo florete — tendo sido dos primeiros tirauros de Paris. A ILLUSTRAÇÃO também publicou um seu esplêndido quadro, este Typo de beleza, que tanto sucesso causou quando foi lançado o primeiro numero do nosso jornal, o número de 5 de maio de 84.

FEYEN-PERRIN

A sua celebriidade provém-lhe de ter querido sempre alinhar a natural. As suas telas são em geral a reprodução de tipos de marinheiros. Mas as mulheres que elle nos mostra a beira mar, com rêsdes aos homens ou sobrevoando canastras, são peixeiros ideias cujos modelos elle procura não pelas praias, mas por entre as cocottes de Paris. É um baile costumado de horizontais, de perna nua, saias curtas, cabelllos ao vento, calçando tamancos. Muito lindo, mas nada verdadeira...

GERVEX

Um dos novos, de grande e merecida reputação. É um artista que não faz má figura ao lado de Bastien-Lepage ou ao lado de Roll. Quadros de gênero de dimensões colossais, onde tem estudado os tipos e os costumes do povo de Paris. No ultimo numero da ILLUSTRAÇÃO publicámos a sua deliciosa tela A volta do baile, e hoje publicamos o seu enriquido quadro o Jury do Salon. O seu desenho é precioso e a sua pintura feita com grande larguezza, tendo muitas vezes o aspecto de immensas aquarellas. Magnífico pastellista. Ha annos um seu quadro causou verdadeiro escândalo e foi recusado pelo jury, por immoral — porque representava brillantemente uma scena íntima da Rolla de Musset.

HENNER

Um mestre! Um artista que pinta maravilhosamente, sendo talvez o único artista moderno que saiba compreender tão superiormente a forma humana, dispondo d'um prodigioso colorido e d'um prodigioso modelado. Os seus assumtos são sempre d'uma grande simplicidade — apenas estudos da figura humana, mas estudos feitos com uma arte e com um genio, para causar desespero ao mais profundo un sciencia de pintar.

PAUL-LAURENS

Um outro mestre. Um outro colorista eminent. Um pintor histórico de primeira ordem. Todas as suas telas são verdadeiras obras-primas, destacando-se sobretudo as suas famosas decorações do Pantheon de Paris, scenas da vida e da morte de Santa Genoveva.

AIMÉ-MOROT

Um novo de imenso futuro. Medalha d'honor do Salon de Paris de 1881. O seu primeiro e ruidoso sucesso foi o Bom Samaritano. Depois expôs em 84 a sua obra-prima Martyrio de Jesus de Nazareth, de que a ILLUSTRAÇÃO ofereceu uma soberba gravura em madeira, no n.º 7 do 2.º anno, gravura devida a Ch. Baude. Grandes bellezas de desenho, de colorido e de composição. Também são celebres os seus esplêndidos retratos.

PUVIS DE CHAVANNES

Um erudito pintor-decorador, um verdadeiro artista, produzindo telas d'uma grande simplicidade de colorido e de composição, mas d'esta simplicidade que só pode sair das mãos d'um artista de genio. São celebres as suas decorações do Pantheon, superiores ás decorações de Paul-Laurens e de Cabanel sob o ponto de vista decorativo, as unicas que vivem em prodigiosa harmonia por entre o estylo dos antigos monumentos architectónicos.

RENOUF

Um marinheiro em pintura. Pedaços d'oceano revoltos e furiosos em telas de cinco metros, onde se passam todos os dramas que fôr d'ali só podem estar á vontade sob yastidores de céus e amplidões immensas d'horizonte. Um arranjado, como os marinheiros que elle nos mostra dentro d'uma casca de noz, á mercê das ondas, e que não prestam socorro aos que se debatem com a morte... As suas telas são imensamente apreciadas pela audacia do seu talento, e pela impressão viva que elle nos dá da natureza marítima.

ROLL

Um outro audacioso e um outro arranjado. Das suas telas, a mais reproduzida pela gravura, é este famoso documento das festas do 14 de julho, aniversário da república francesa. É também um artista moderno, de grande futuro, broxando com talento e com larguezza telas enormes, onde o artista revela brillantes qualidades de colorido e de composição. Os artistas novos tem por elle grande sympathy, e a prova é que todos os annos é votado para fazer parte dos juries do Salon, — como todos os outros artistas de que hoje damos o retrato.



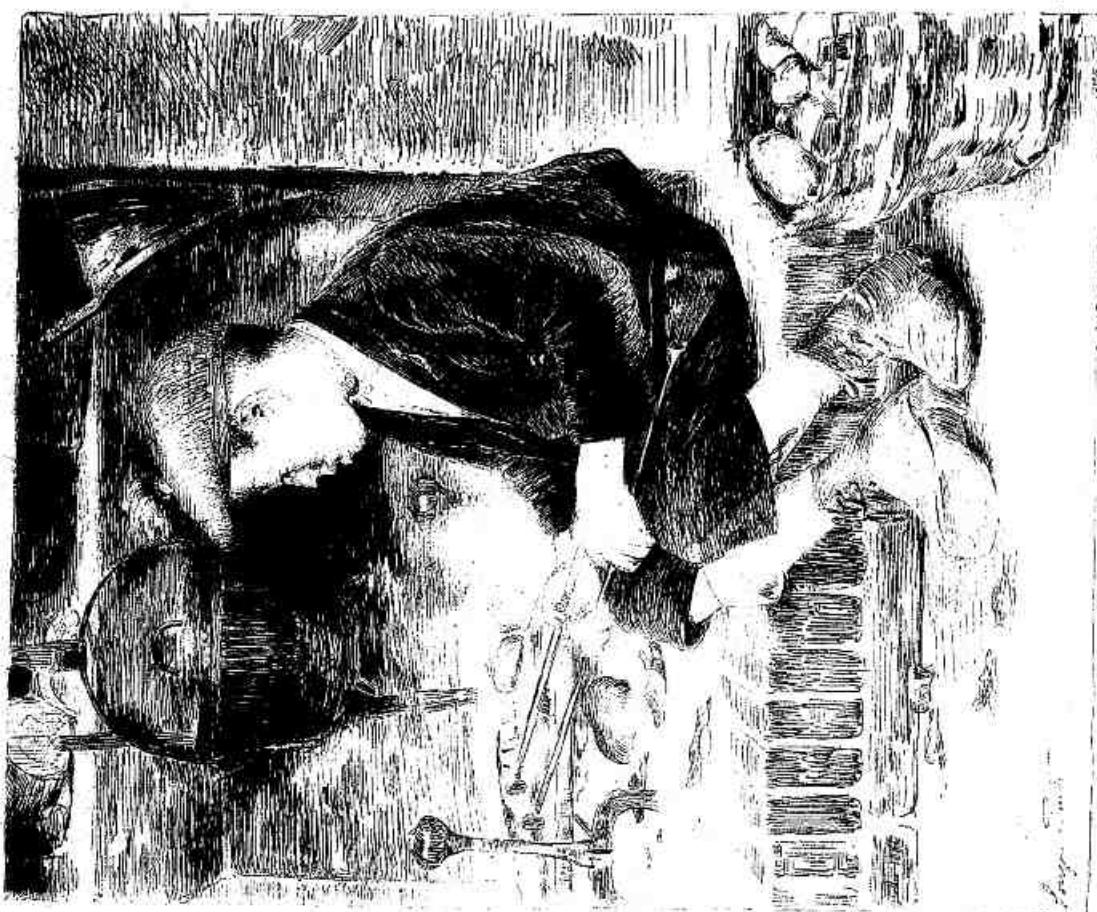
— CORNUCAPI DAS GRACIOSAS —



EMILE ADAM. — DEPOIS DO TRABALHO.



CLAIRIN. — DEPOIS DA VICTÓRIA, OS MOUROS EN HESPAÑIA



SOUZA PINTO. — ANTES DA ESCOLA.



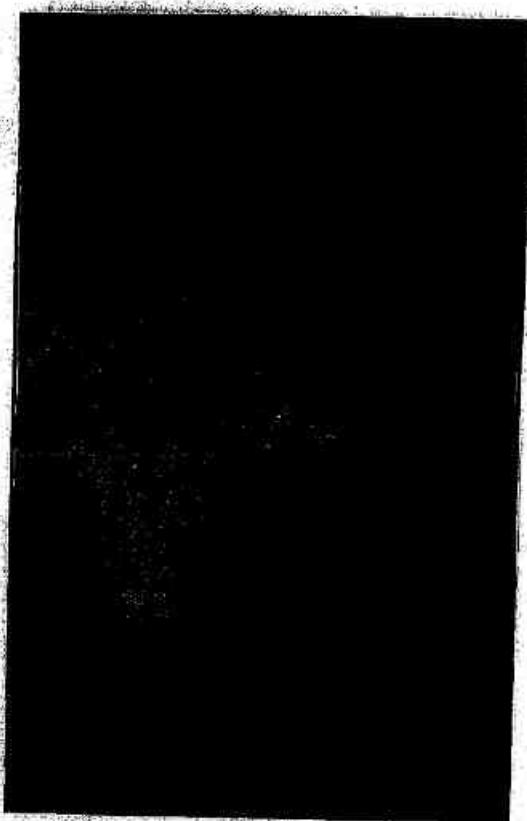
RAMALHO. — RETRATO DE MADAME G. MESTRA.



EUGÈNE FAYEN. — ANTES DA TEMPSTADE



ROGER JOURDAIN. — UMA NOVEMB



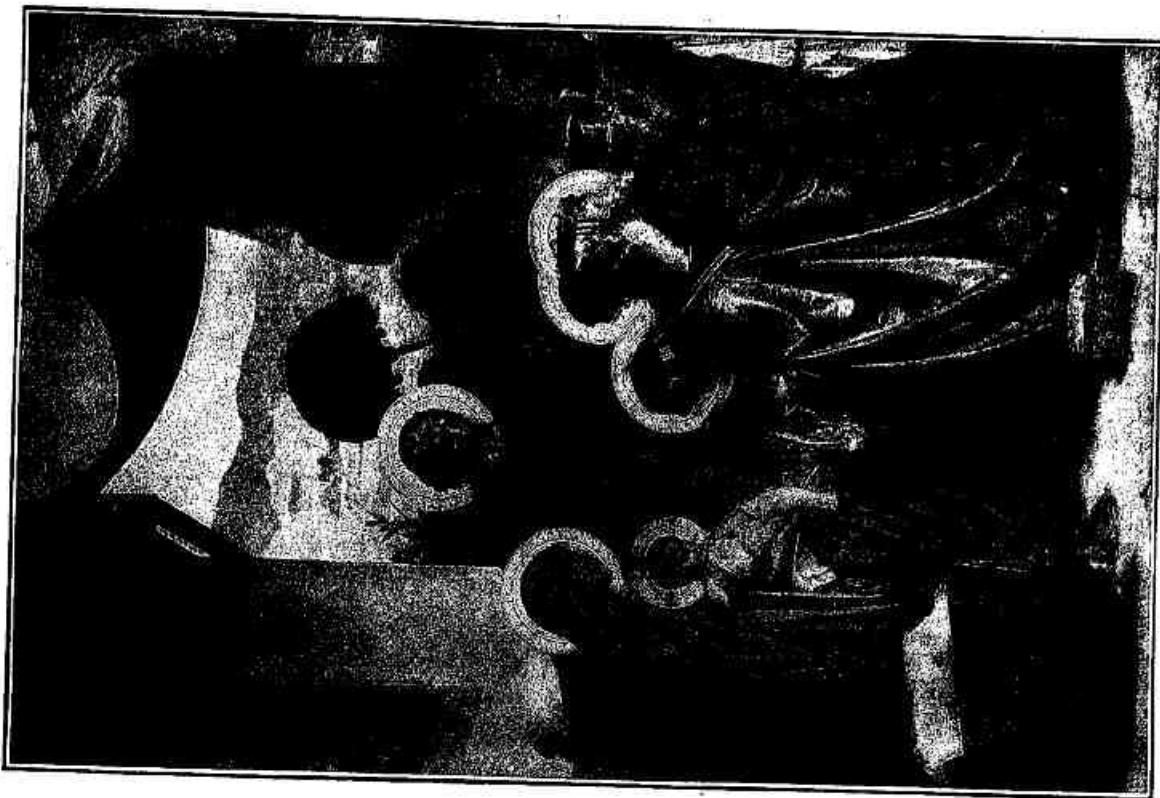
ADOLPHE WEISZ. — O LÍMÃO AMOROSO



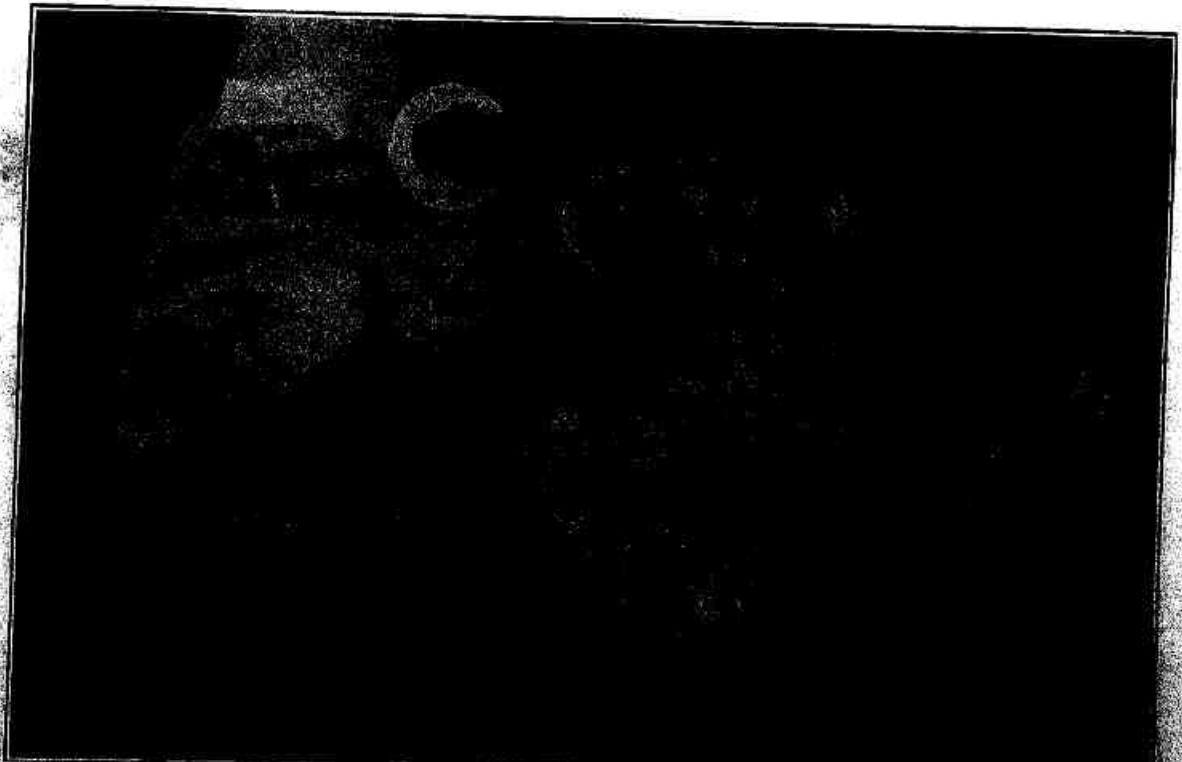
FEYEN-PERRIN. — SCHINDLÉR...



PAUL GROLIERON. — UMA INDICAÇÃO



W. BOUGUEREAU. — A ACORADA DOS PASTORES



W. BOUGUEREAU. — A ACORADA DOS PASTORES

AS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA PRIMEIRA PAGINA

A GRAVURA da nossa primeira pagina representa um magnífico retrato pintado por Léon Comerre, um artista verdadeiramente elegante e essencialmente parisense que os nossos leitores já conhecem pelo magnífico Pierrot publicado no n.º 4 do 2.º anno da ILLUSTRAÇÃO.

A reprodução d'este elegantíssimo quadro feminino, d'esta deliciosa fidalguinha Luiz XV, foi-nos expressamente concedida pelo brilhante artista a quem aqui agradecemos a sua extrema amabilidade.

O enquadramento da gravura que traz apenas a rubrica do nosso atelier de gravura chímica, é devido ao lapis do nosso colaborador Francisco Villaça.

O sympathico artista foi um dos nossos mais bellos auxiliares na confecção d'este numero especial do Salón. E o seu enquadramento bem mostra a formosura do seu espírito artístico, feito para todas as elegâncias e todos os requintes modernos.

O JURY DO SALON

QUADRO de Gervex é essencialmente curioso, pois que nos mostra o jury de pintura no momento em que se vota a admissão ou a recusa das telas.

Os quadros passam diante do grupo dos artistas eleitos.

Se as bengalas e os guardas-chuva se erguem, o quadro figurará; se ninguém ergue o braço para o applaudir, o quadro morre no esquecimento.

DEPOIS DA VICTORIA

SENTIMOS que a photographia não possa dar uma ideia mais nítida e mais precisa d'esta immensa tela do ilustre pintor.

Mas o emprego do vermelho, do amarelo e do azul é de tal ordem, e as cores são tão claras e tão frescas, que a photographia pouco pode obter, chegando mesmo a desaparecer o modelado.

Em todo o caso a nossa gravura ainda pode dar uma ideia d'esta arrojada tela, onde ha prodigiosas qualidades, e expressão d'um talento vivo e vigoroso, amando a luz, a cor e o drama.

RAMALHO

RAMALHO NOSSO estimado e sympathico colaborador expõe este anno no Salón de Paris dois retratos. O de Madame Métra que a ILLUSTRAÇÃO hoje publica, desenhado à pena pelo seu autor, é realmente primoroso pelas suas brilhantes qualidades de desenho e de colorido.

Todos quantos conhecem o moço pintor portuguez sabem o quanto a sua paleta é rica em cores brilhantes e o quanto o seu desenho é consciente e observado.

Ramalho tem ultimamente tocado em todos os generos: retrato, paisagem, quadro de gênero. No Salón de 83 o successo veio-lhe d'esta preciosa tela que se intitula *Chez mon voisin*. No Salón de 85 encontramos nos seus retratos mais uma afirmação do seu talento, que o tem de lui, e que lhe ha de marcar lugar entre os nossos modernos pintores. Assim a coragem o não abandone.

SOUZA PINTO

ENTRAMOS em 1883 encontramo-lo «menção-honorável» no Salón. A sua tela *Culotte déchirée* é por assim dizer o ponto mais brilhante da sua carreira.

N'estes dois annos Souza Pinto tem continuado a afirmar qualidades superiores de desenhador e de colorista.

É um artista que está senhor da sua rústica, e que ha de vir a fazer quadros notabilíssimos no dia em que o seu espírito observador mais se desenvolver com o contacto dos livros, do mundo e da natureza. O sympathico pintor portuguez enviou-nos com este croquis do seu quadro, o seu retrato, primorosamente feito à pena. N'este numero falta-nos o lugar, mas trataremos de apresentar brevemente esta physionomia aos nossos leitores.

Só nos resta agradecer à grande typografia de Paris onde o nosso jornal se imprime, a rapidez e o escrupulo com que este numero foi executado. Desceríamos tornar-o mais luxuoso e mais rico em gravuras. Simplesmente não sabemos se a nossa tentativa será bem acolhida do público. Esperemo-lo que o seja, para que todos os annos a ILLUSTRAÇÃO possa mostrar aos seus leitores de Portugal e do Brazil o que é o Salón de Paris, que constitue um verdadeiro acontecimento para Italia, Hispanha e Inglaterra.

A ILLUSTRAÇÃO publicará no proximo numero 11 ou no numero 12 um curioso trabalho do seu ilustre colaborador Theophilo Braga, brilhante professor do Curso superior de letras, de Lisboa.

EPILATORIOS DUSSE! (Pasta Epilatoria e Pelivora)

PARIS. — 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, 1. — PARIS



AS MUSICAS DA «ILLUSTRAÇÃO.»

MAZURKA

F. CHOPIN

Op. 30 - N° 1

Allegretto non tanto.

PIANO.

p

*9^o Faux
al Coda
pour finir*

con anima.

Ped. *Ped.* *Ped.* *Ped.*

dimin. *poco riten.*

Coda

p

B.C.

PARIS, IMPRIMERIE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.